

Um ensaio sobre o potencial educador inerente ao espaço.

An essay on the educator potential inherent in space

Un ensayo sobre el potencial educador inherente al espacio

MERLIN, José Roberto

Prof. Dr. FAU PUC Campinas, e-mail: jrmerlin@puc-campinas.edu.br

SANTOS JUNIOR, Wilson Ribeiro dos

Prof. Dr. POSURB PUC Campinas, e-mail: wilson@puc-campinas.edu.br

RESUMO (100 a 250 palavras)

Busca-se neste artigo discutir conceitos que contribuam para a construção de caminhos alternativos às propostas que trivializam a arquitetura contemporânea devaneada por fortes setores da mídia e do mercado imobiliário. Valoriza-se hoje a sociedade do conhecimento e ao arquiteto e urbanista cabe buscar os “constructos” mais adequados e compatíveis com o estágio de desenvolvimento da sociedade e aplicá-los ao projeto. Partimos do pressuposto de que o caminho mais adequado para desvelar novas formas de atuação para o arquiteto e urbanista é reconhecer que os espaços, em si, estão impregnados de informações que lhe dão potencialidades educadoras. O método de pesquisa adotado nesta análise enfatizou a busca de autores e eventos ligados ao tema para adquirir sustentação teórica à hipótese aventada. Tais propostas exigem com que os construtores do espaço reflitam com discernimento e profundidade nas suas proposições, revendo conceitos através de práxis inovadoras.

PALAVRAS-CHAVE: *espaços educadores, espaços públicos urbanos, cidades educadoras*

ABSTRACT (100 to 250 words)

This article discuss concepts that contribute to the construction of alternative ways to proposals trivialize contemporary architecture publicized by important sectors of the media and the real estate market. It values today the knowledge society, and the role of the architect and urban planner it is seeking the "constructs" most appropriate and compatible with the stage of development of society and apply them to the project. We assume that the most appropriate way to uncover new ways of working for the architect and urban planner is to recognize that the spaces in themselves, are steeped in information that give educators potential. The research method used in this analysis emphasized the search for authors and events related to the subject to acquire theoretical support to the hypothesis aired. Such proposals require that the builders of the space reflect with insight and depth in their proposals, reviewing concepts through innovative praxis.

KEY-WORDS (3 a 5): *educators spaces, urban public spaces, cities educators.*

RESUMEN (100 a 250 palabras)

El propósito del artículo es discutir conceptos que contribuyen a la construcción de formas alternativas a las propuestas que trivializan la arquitectura contemporánea publicitada por fuertes sectores de los medios de comunicación y del mercado inmobiliario. Se valora hoy la sociedad del conocimiento, el papel del arquitecto y urbanista es buscar las "constructos" más apropiadas y compatibles con la etapa de desarrollo de la sociedad y aplicarlos al proyecto. Suponemos que la forma más adecuada para descubrir nuevas formas de trabajo para el arquitecto y urbanista es comprobar que los espacios en sí mismos están impregnadas de informaciones educadoras potenciales. El método de investigación utilizado en este análisis ha puesto de relieve la búsqueda de los autores y los eventos relacionados con el tema para adquirir soporte teórico a la hipótesis ventilada. Dichas propuestas requieren que los constructores del espacio reflejan con perspicacia y profundidad en sus propuestas, la revisión de conceptos a través de la praxis innovadora.

PALABRAS-CLAVE: *espacios educadores espacios públicos urbanos, ciudades educadoras.*

1 INTRODUÇÃO

Originalidade como volta à origem, criatividade como diferentes saberes erigindo espaços que se adequam ao novo contexto mundial e inovação como formas novas de viver e entender o espaço repensando a cidade como dinâmica sociocultural são proposições do Projetar2015, mas, ao que parece, não são valores dos arquitetos “super-stars” mundiais, tão festejados pela mídia: astros que, como artistas intangíveis, chegam a suscitar comoções. Geram demandas e lucros exorbitantes sendo venerados pelo mercado imobiliário, entretanto, parecem desdenhar a arquitetura como prática que incita valores éticos e remete a marcos e processos culturais, através de seus significados e concepções. (MONTANER; MUXI,2014)

Busca-se neste artigo discutir conceitos que contribuam para a construção de um caminho alternativo às essas propostas que trivializam a arquitetura contemporânea devaneada por fortes setores da mídia e do mercado imobiliário . Hoje, vivemos e valorizamos a sociedade do conhecimento e, ao arquiteto e urbanista cabe buscar os *constructos* mais adequados e compatíveis com o estágio de desenvolvimento da sociedade e aplicá-los ao projeto. Partimos do pressuposto de que o caminho mais adequado para desvelar novas formas de atuação para o arquiteto e urbanista é verificar que os espaços, em si, estão impregnados de informações que lhe dão potencialidades educadoras. O método de pesquisa adotado nesta análise enfatizou a busca de autores e eventos ligados ao tema para adquirir sustentação teórica à hipótese aventada.

Tais propostas exigem com que os construtores do espaço reflitam com discernimento e profundidade nas suas proposições, revendo conceitos através de práxis inovadoras. Entretanto muitos arquitetos parecem seguir na contramão da evolução cultural humana e desconhecer o mundo real, pois não conseguem deslocar-se do sonho do **protagonismo profissional individual** , mesmo que **seja** construindo cercas ou “esconderijos” para uma minoria que vive da miséria da maioria pauperizada. Negligenciam também algumas discussões bastante relevantes para a profissão, como a urbanização capitalista, a especulação imobiliária, as questões éticas, políticas, ambientais etc., valorizando a arquitetura e o **urbanismo de custos excessivos e desnecessários**, comandados por arquitetos e **urbanistas** famosos, desconsiderando muitas vezes a importância da memória, do enraizamento do cidadão na comunidade e da constituição da cidadania como um dos direitos à cidade.

Talvez tenhamos nos tornados profissionais vinculados às elites desde a época da construção da cúpula de Santa Maria del Fiore, na Piazza del Duomo, em Florença, por Phillippo Brunelleschi, que promoveu a separação entre o projeto e a obra, ou entre o pensar e o fazer, possibilitando que o arquiteto deixasse o papel de construtor e enveredasse pelo status de artista, tornando-se apto a freqüentar a Corte e conseguir trabalhar, nestas novas circunstâncias, sem se sujar, como convinha aos membros das elites.

A expansão das escolas de arquitetura e o número crescente de arquitetos e urbanistas recém-formados no Brasil segundo as informações da ABEA - Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo - demonstram o descompasso numérico na relação histórica arquitetos-elite, que apesar de predominar até o terceiro quartel do século XX, atualmente está forçando a mudança da demanda do mercado de trabalho do arquiteto e urbanista e transformando drasticamente sua missão. A história das relações profissionais dos últimos anos tem mostrado a necessidade de mudanças de foco daqueles que trabalham na área de arquitetura e urbanismo e a valorização da sociedade do conhecimento poderá abrir novas possibilidades de valorização profissional pela sua importância no processo de desenvolvimento humano e mesmo para a sobrevivência da profissão.

Alguns autores que tratam da questão

Coelho Neto mostra com clareza que o papel do arquiteto não é apenas o de construir espaços, mas dotá-los de qualidades que estão explícitas no artefato concreto e subjacentes na linguagem, de modo que se tornem profundos transformadores culturais dos usuários.

"... não basta operar a partir de determinadas noções espaciais que se propõem como dados primeiros de uma cultura (...) é necessário, a partir desses dados, propor organizações espaciais que funcionem como informadoras e formadoras (**educadoras**) dos usuários na direção de uma mudança de comportamento que possa ser considerada como aperfeiçoadora das relações inter-humanas e motrizes do pleno desenvolvimento individual..." (COELHO NETO, 1997, p.47-48). Grigo nosso.

Portella refere-se ao espaço urbano como forma diferenciada de educação, mostrando que enquanto na escola e na família os espaços são protegidos por estar sob controle fazendo com que os fatos aconteçam de forma bastante previsível, a cidade exige outra forma de comportamento, , levando a aprendizados de outra natureza, educando para o enfrentamento do imprevisível e o inédito em seus diversos graus, apesar da estrutura de segurança existente.

Não há a menor dúvida de que existem certos aspectos da educação necessária para uma convivência saudável que apenas podemos encontrar na cidade. Consequentemente, nada do que o governo da cidade faça ou deixe de fazer é educativamente neutro. Analisar todas as



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

facetas educadoras da cidade (explícitas, mas também, sobretudo, as implícitas) e influir positivamente nelas é uma das principais tarefas estratégicas dos governos locais comprometidos com a boa convivência dos cidadãos (PORTELLA, 2012, p.8).

Estudiosa dos espaços urbanos e sua compreensão, Kolhdsdorf (1996, p.23), por sua vez, deixa claro que dependendo da forma como os espaços apresentam potencialidades específicas que são entendidas pelos indivíduos, ao materializar o potencial configurativo das intenções humanas, torna-se único porque é capaz de dar-lhe historicidade. portanto, nunca é neutro: o espaço educa ou deseduca. Também Ferrara (1993) argumentando sobre a importância da linguagem não verbal, afirma que a cidade é capaz de informar, contextualizar, qualificar espaços e incitar memórias, demonstrando seu caráter educador.

A criação da AICE- Associação Internacional das Cidades Educadoras

As recentes ações da UNESCO, que tem estudado a cidade como forte instrumento educador desde 1970, quando começou a discutir processos educadores para um novo estágio de organização mundial, especialmente a partir do século XXI, vem reforçando a necessidade de valorizar os espaços sob óticas mais efetivas acentuando uma a tendência de valorização do potencial educador dos espaços .

O processo de entender a cidade como local privilegiado da educação fora da escola, como buscado e apregoado pela UNESCO, desde a década de 1970, foi fortalecido em 1990, com a criação da AICE - Associação Internacional das Cidades Educadoras em Barcelona. Ali foi elaborada em 1990 uma Carta com vinte preceitos, que foram aprimorados em Bolonha (1994) e depois em Genova (2004), e que modulam as ações das cidades associadas, adaptando-as a novos desafios e transformações sociais. Em 2014, conforme dados fornecidos durante o encontro da AICE em Barcelona, a entidade reunia 478 cidades em 36 países, distribuídas por todos os continentes, demonstrando o potencial desta nova forma de encarar processos educativos. Para 2016, está programado o próximo congresso em Rosário, Argentina, com o tema “Os territórios e a convivência nas cidades”, mostrando mais uma vez a força do espaço como questão primordial ao processo educador.

Alicia Cabezedo, dirigente da Associação Internacional das Cidades Educadoras, ao ser questionada sobre o significado de uma cidade educadora, respondeu:

É aquela que converte o seu espaço urbano em uma escola. Imagine uma escola sem paredes e sem teto. Nesse espaço, todos os lugares são salas de aula: rua, parque, praça, praia, rio, favela, shopping e também as escolas e as universidades. Há espaços para a educação formal, em que se aplicam conhecimentos sistematizados, e a informal, em que cabe todo tipo de

conhecimento. Ela integra esses tipos de educação, ensinando todos os cidadãos, do bebê ao avô, por toda a vida. (CABEZUDO, Folha de São Paulo, 25/05/2004)

O espaço como instância social: dilatando conceitos

Tomamos algumas noções e conceitos de seus elementos constituintes para tentar evidenciar as potencialidades educadoras. Espaços e a paisagens são registros cujas linguagens e materialidades ajudam a conhecer o mundo quando superado o analfabetismo na leitura espacial.

Milton Santos (1985) acrescentou o conceito de processo à tríade arquitetônica constituída por forma, função e estrutura, aproximando a geografia da arquitetura ajudando a desvelar parâmetros educadores.

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. *Função*, de acordo com o *Dicionário Webster*, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança. (SANTOS, p.50, 1985)

Como instância social o espaço contém a sociedade e a sociedade o contém, confundindo-se com a sociedade, garantindo ubiquidade e dinâmica próprias compassadas com as transformações sociais.

Dilatando-se o olhar para as solidariedades, ampliam-se as relações entre espaços e revelam-se os motores socioeconômicos e políticos na produção do espaço urbano. Quando articulados por redes, devido ao aperfeiçoamento dos objetos técnicos, que permitem desdobrá-los em relações de verticalidade (acontecer hierárquico) e de horizontalidade (acontecer homólogo e complementar), relacionam lugares contíguos com lugares distantes participantes da rede. A informação protagoniza, transformando o entorno que agora não é mais aquela área circundante e acéfala esperando ser apropriada pela expansão da malha urbana, mas algo com agentes ativos que podem estar vizinhos ou distantes. Tais possibilidades técnicas transformam as relações do entorno e das formas de apropriação do espaço pelas sensações humanas iniciando um novo modo de apreensão da paisagem tangido estruturalmente pelos meios de informação.

Considerado como instância social depreende-se a necessidade de se romper a ideia de “espaço físico”, banalizado como mera concreção métrica e pragmática, algo sem alma e sem história, que

ignora a ideia de que os espaços contam a história da civilização humana, são objetos informativos e formativos extrapolando a mera materialidade.

Coelho Neto, Portella, Kohlsdorf, Ferrara, Milton Santos, AICE e outros demonstram de forma diligente, direta ou indiretamente as potencialidades educativas do espaço, ensejando possibilidades de aprimoramento humano. Considerando a não neutralidade do espaço e a apropriação da cidade como forma de organização fundamental e sustentáculo do processo educador contemporâneo, em que a maioria da população vive em grandes metrópoles, fica fortalecida a hipótese de que os espaços são potencialmente educadores ou deseducadores, e poderiam ser mais e melhor utilizados como fundamentos dos partidos urbanísticos.

2 CARACTERÍSTICAS DE ESPAÇOS POTENCIALMENTE EDUCADORES

A partir da hipótese aventada de que os espaços não são neutros, mas inseparáveis de processos que educam ou deseducam, foram descobertos, observados e pesquisados alguns parâmetros e características específicas através de metodologia qualitativa e comparativa, como traços conformadores dos espaços potencialmente educadores que estão aqui colocados em discussão. Pesquisas complementares indicam que no geral tais características acontecem em espaços significativos e de usos intensos, em diversas cidades da região Campinas-Sorocaba.

Resumidamente, dentre essas características podem-se destacar como potencialmente educadores os espaços que:

a) possuem relações adequadas com seu entorno, facilitam acessibilidades física e digital e respeitam as pré-existências dos principais espaços envoltórios; b) evidenciam a história do lugar, revelam sua técnica construtiva, lembram eventos pregressos valorizando patrimônios materiais e imateriais; c) facilitam encontros e ações humanas promovendo a sociabilidade e o respeito a alteridade; d) suscitam percepções atingindo e aguçando os órgãos dos sentidos, chegando algumas vezes, ao processo de “estranhamento”; e) são desenhados para facilitar o enfrentamento de eventos imprevistos e inéditos típicos da vida urbana; e f) dignificam o lugar como produção de qualidade funcional, técnica, ética, política e estética.

Raros são os espaços que cumprem todas estas características para tornarem-se plenamente educadores, A maioria dos lugares conseguem cumprí-las apenas parcialmente. Descuido dos arquitetos e urbanistas em relação ao tema? Ignorância do usuário em relação à leitura espacial?

Espaços que respeitam e valorizam o entorno

Na Figura 01 se vê a ampliação do Museu Rainha Sofia em Madrid, respeitando as preexistências e o entorno, implantado de forma amigável com a parte mais antiga e mantendo um diálogo entre ambos que passa por beirais, cores, aberturas e respeito. A rua é tratada de forma amigável permitindo permeabilidade e espaços de encontro entre eles. A diferença entre os materiais é visível e traz a noção de tempo criando uma relação compatível entre o novo e o antigo.

Figura 01- Museu Reina Sofia em Madrid, qualidade na relação-velho novo



Paisagens que contam a geografia e a história do lugar

Museu do Tietê Salto, SP

Alguns espaços estão implantados em lugares que complementam sua história. É o caso do Museu do Tietê construído em Salto, SP, nas margens do rio no lugar da última queda d'água ainda existente no rio, cujo objetivo maior é concentrar todo material referente a sua história para construir e preservar sua memória. Fonte de energia hidráulica e elétrica, rota para os bandeirantes e verdadeiro semeador de cidades em todo seu trajeto, o rio Tietê vive um ciclo de decrepitude devido à poluição vinda de São Paulo. O museu está na margem direita do rio e no plano dos vidros que separam a construção das águas, se vê a cachoeira e nele foi desenhado todo o trajeto e as cidades ribeirinhas, mesclando o lugar com a visão da totalidade do rio, contando sua geografia e sua história.

Figura 02- Museu Reina Sofia em Madrid, qualidade na relação-velho novo



Espaços que promovem o encontro das pessoas

Existem espaços que promovem encontros entre pessoas de todas as categorias e etnias. Alguns espaços são paradigmáticos e apropriados pelas pessoas através de processos culturais e eventos que a população planeja ou que a história e sua localização estimula. Os arquitetos e urbanistas, normalmente tem dificuldades para prever o uso dos lugares, exatamente como eles se dão. O arquiteto Jan Gehl (2013) tem feito trabalhos que procuram priorizar a cidade como lugar de encontro e duas frases são estruturantes de seu pensamento quando coloca que a maior atração da cidade são as pessoas e que moldamos a cidade, e ela, em seguida, nos moldam, caracterizando bem a vida cidadina.

Figura 03- Praça na área central de Montevidéu, Uruguai



Espaços que suscitam sensações

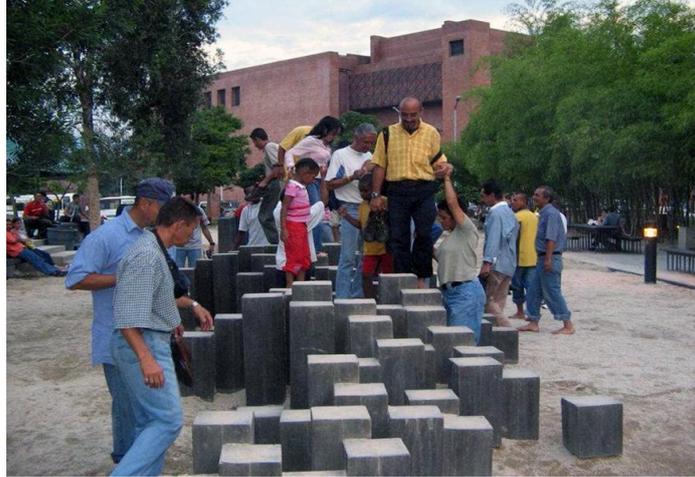
O parque dos Pés Descalços é paradigmático enquanto espaço educador, pois possibilita experiências que mexem com todos órgãos e sensações, com o propósito de curar o stress urbano. Dispõe de percursos e equipamentos bastante simples e todo o material utilizado e toda a arborização estão concatenados para atingir a totalidade dos órgãos humanos. Seus percursos sombreados, a água agitada ou calma, as folhas de vegetações que podem ser mastigadas, a organização de cubos e paralelepípedos de concreto que forçam exercícios de reflexologia, ajudam a percepção e acalmam os cidadãos, agindo como instrumento educador. Tais procedimentos exercem forte poder de atração nos cidadãos da cidade, que o transformou em um verdadeiro ponto de encontro, cujas amenidades e sensações promovem o encontro entre diferentes sujeitos, promovendo a alteridade e mexendo fortemente com as sensações.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figura 04 - Praça Parque dos Pés Descalços em Medellín, Colômbia.



Alguns espaços tem desenho com características que permitem viver na cidade antevendo os imprevistos que normalmente acontecem, especialmente nas maiores. Alguns espaços permitem maior relaxamento de todos, pelo uso intenso, pelas possibilidades de diferentes trajetos e pela visibilidade que oferecem. Medellín, pela sua história parece tratar este tema de forma eficiente.

Figura 04 - Praça Parque dos Pés Descalços em Medellín, Colômbia



Espaços que dignificam o lugar

Raros são os exemplos de espaços de extrema qualidade que consequentemente dignificam os lugares por suas indiscutíveis qualidades funcionais, técnicas, éticas, políticas e estéticas. Dentre eles pode-se citar como paradigmático o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, situado na Cidade Universitária em São Paulo. O prédio reflete uma revolucionária proposição de ensino pensada na época de sua construção na década de 1960,

cumprindo sua função programática de forma generosa. Foi um salto em inúmeros aspectos técnicos, éticos, políticos e estéticos. Politicamente possibilita sonhar com escolas públicas sem portas e oferece o lago e o pé direito duplo lembrando o chafariz e o vazio do prédio da FAU da Avenida Higienópolis incitando a memória. Os ateliês integrados e abertos para comunicação entre todos os anos, a interdisciplinaridade, a colocação filosófica da luz no teto possibilitando inúmeros arranjos didáticos e inúmeras outras qualidades e mesmo defeitos, fizeram deste prédio um avanço em relação a profissão por ser construído de forma a dignificar o lugar.

Figura 05 – Prédio da FAUUSP Cidade Universitária em São Paulo



3 ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Edifícios e espaços livres públicos potencialmente educadores são reveladores, verdadeiros documentos, pedras encharcadas de história. Lidos e compreendidos, erigem um vocabulário que desvela conhecimentos em diferentes áreas do saber. Estes espaços podem impressionar os órgãos dos sentidos amalgamando processos perceptivos e intelectivos, evocando a síntese de distintos saberes e procedimentos próprios ao campo das artes.

A historiografia da arquitetura evidencia a existência de processos ligados ao “*representatio*” típico da arquitetura figurativa e ao “*constructio*” base da arquitetura moderna e abstrata advinda da

técnica, sendo que a primeira “*representa*” certos signos conhecidos e a segunda “*presenta*” a si própria, sem se apoiar em outros símbolos, criando novas formas de percepção e cognição.

Para um olhar atento, o espaço como **manufatura concreta** parece embebido de informações técnicas reveladoras da forma como foram construídos, exprimindo o estágio de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade naquele momento. Revela objetivos funcionais pela tipologia, a noção de ordem ou desordem pela composição, a força e os valores formais pela hierarquia e escala, a orientação espacial por meio de ritmos, eixos e proporções. (CLARK; PAUSE, 1987)

Além das revelações explícitas pela aparência concreta os espaços informam enquanto **linguagem** da arquitetura de forma implícita. Conotam intenções, sensações, percepções e pensamentos. Piaget e Vygotski mostram as relações intrínsecas entre linguagem e pensamento no processo de evolução humana. O primeiro fala em unidade indissociável entre linguagem e pensamento, enquanto Vygotski fala em autonomia entre ambos até os dois anos de idade na criança, quando se encontram e coincidem, inaugurando um comportamento novo e decisivo ao homem, diferenciando-o dos animais, por propiciar processos de análise, abstração e síntese, redundando em conhecimento novo. Estes autores apontam a importância dos signos para desenvolvimento do pensamento abstrato e da unidade entre pensamento e linguagem, afirmando que, sem um sistema de sinais que permita a utilização da linguagem, o pensamento praticamente não existe. (SCHAFF, 1974).

Ao cogitar acerca da capacidade educadora inerente ao espaço, adotou-se como parâmetros os vazios e as formas materiais da cidade que conformam espaços de naturezas e usos distintos, induzindo lugares de encontros adequados aos usos coletivos ou espaços que dificultam as relações humanas. (GEHL, 2013) Espaços e paisagens revelam a geomorfologia e as transformações da natureza no decorrer da história, na medida em que as sociedades humanas, conforme seu nível de desenvolvimento tecnológico, se apropriam e se adaptam ao meio-ambiente para subsistir.

As linguagens do espaço são epistemológica e metodologicamente polissêmicas pela complexidade e seus inesgotáveis significados e relações interpretativas. Dependem de acepções dinâmicas e complexas que superem os nexos explicativos estritamente racionais de causa-efeito pois, atrás da objetividade se esconde a questão do sentido que, muitas vezes, contém representações irracionais, espontâneas ou caóticas, que requerem subsídios da pesquisa semiológica, dado que os processos perceptivos nem sempre se deixam entender de imediato e percorrem os complexos caminhos dos

símbolos. Atribuir valores e significados a um signo tem dimensão cognitiva a qual, se soma, a dimensão representativa, característica chave da semiótica.(FERRARA, 2002).

Adentrando no âmago do significado acerca do espaço como **instância social**, (SANTOS, 1999) considera-se o espaço como um conjunto indissociável entre um conjunto de objetos e um conjunto de ações e suas categorias analíticas se tornam: forma, função, estrutura e processo. Esta leitura aprofundada do ambiente é também um formato de oportunizar a paisagem como maneira diferenciada de conhecimento. Leitura subjacente, sem palavras, simbólica, atrelada a signos imagéticos, técnicos, funcionais, éticos e estéticos. Dela é possível destilar quando e como foram produzidos, quais seus agentes intervenientes, quais intenções estão implícitas e explícitas etc., deixando patente que a paisagem é um documento passível de ser lido, portanto torna o espaço potencialmente educador que, indubitavelmente, ensina por suas características inerentes. O artefato arquitetônico-urbano extrapola seus conteúdos formais visíveis e interfere na modelagem da cidadania, pois ajuda a enraizar o cidadão ao território, aguçar seu sentimento de pertencimento e valorizar a comunidade frente às ameaças das imposições globais.

A cidade, vista sob estas premissas, torna-se educadora e, para alguns autores, “a maior escola do mundo” (AICE, 2004). Pode materializar os conteúdos da escola oficial, normalmente desvinculados do real, como as abstrações da matemática e da geometria e as condições de existência dos seres vivos. Evidencia que a educação integral precisa também de seu entorno físico e social para sair do âmbito do conhecimento decorado, incorporando o aprendizado inesquecível, por acontecer de forma concreta e vivenciada. O espaço urbano, diferente da escola e da residência - lugares com controle e vigilância contínuos o tempo todo -, caracteriza-se pela insegurança que lhe é própria. Forçosamente, ensina seus usuários a enfrentar situações imprevistas e inéditas. Cabe aos tutores e a própria organização social comunitária dosar este aprendizado, gradativamente, conforme as possibilidades do aprendiz, passo a passo, momento a momento.

O horizonte da pesquisa geradora deste artigo é buscar novas possibilidades de atuação profissional apoiando partidos que enfatizem o viés educador inerente aos espaços e ao meio urbano. Buscar caminhos desvinculados do jugo das propostas de arquitetos e urbanistas mancomunados com setores contestáveis da mídia, tendo como base parâmetros culturais e processos vinculados à educação integral. A arquitetura contemporânea tem sido criticada por autores reconhecidos que dizem que entre os arquitetos “.., perfilam-se diversas posições que tendem a se polarizar em dois



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

extremos: por um lado os arquitetos que querem ser fiéis ao status quo, a seus clientes e amos, e, por outro, aqueles que tentam melhorar a vida das pessoas.” (MONTANER; MUXÍ, 2014, p.38). Sugerem buscar novas possibilidades para o arquiteto e urbanista fazer da profissão uma opção de trabalho que aprimore programas e seja socialmente justa e politicamente adequada. Esta discussão, ao inserir e enfatizar as potencialidades educadoras inerentes aos espaços poderia ser um caminho a responder às fortes demandas da sociedade do conhecimento.

Por último, vale a pena citar a grande dificuldade de se encontrar espaços educadores em toda plenitude. Raros são os espaços que cumprem todas as características aqui arroladas para tornarem-se plenamente educadores. Na região de Campinas e Sorocaba tivemos muitas dificuldades para encontrá-las. A maioria dos lugares conseguem cumprí-las apenas parcialmente. Descuido ou incapacidade dos arquitetos em relação ao tema? Ignorância do usuário em relação à leitura espacial? Problemas de ordem cultural em relação a arquitetura no Brasil? Esta pesquisa está tentando desvelar a questão, mas percebeu, que para serem educadores, os espaços precisam de muita qualidade enquanto artefato arquitetônico.

4 REFERÊNCIAS

- AICE- Carta das Cidades Educadoras. Declaração de Barcelona, 1990, revisões Bologna, 1994 e Genova 2004. Disponível em www.fpce.up.pt/OCE/Cartadascidadeseducadoras.pdf. Acesso em 20/09/2014.
- CLARK, Roger H.; PAUSE Michael. *Arquitectura: Temas de Composicion*. México: Gustavo Gili, 1987.
- COELHO NETO, J. Teixeira. *A Construção do Sentido na Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1997.
- FERRARA, Lucrécia, D. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.
- _____. *Olhar periférico: informações, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- LYNCH, Kevin. *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- MERLIN, J. R.; QUEIROZ, A. N. *Espaços Públicos: suas potencialidades educadoras e a construção da cidadania*. São Paulo: EANPARQ, 2014.
- MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. *Arquitetura e Política: Ensaio para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014
- PORTELA, J. C. *Cidade Educadora (Território Educador)*. Brasília: 10a Expo Brasil, 2012. Disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12709089/territorio-educador-expo-brasil-desenvolvimento-local>. Acesso em 15/05/2015
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1998.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

_____ A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 1999.
SHAFF, Adam. Linguagem e Conhecimento. Rio de Janeiro: Tipografia Guerra-Viseu, 1974.